O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 35.º — Sábado, 6 de Junho de 1942 — N.º 1735

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração **Rua Miguel Bombarda, 21**
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

A ÚNICA SOLUÇÃO

As providências tomadas por quem de direito para que o custo da vida não vá em crescente assustador, mas sim num *aumento demorado*, têm sido compreendidas por muitos e mal julgadas—em verdade—por alguns.

Os primeiros, colaborando com o Govêrno, secundam com o seu esfôrço a campanha *produzir e poupar* lançada a público pelos serviços técnicos do Ministério da Economia.

O aproveitamento de jardins para pomares e horta; as varandas para pequenos viveiros do que a terra cria; o regime do prato único em muitos lares; o repovoamento das capoeiras ou a sua construção, à falta de melhor, nas açoteias e telhados, são exemplos generosos dêsse mesmo esfôrço.

. . .Os outros?!

Ah! Os outros quando vêem o fundo ao saco do pé de meia, *arrumam* as contas, num abrir e fechar de olhos.

Pegam no papel e lápis, fazem multiplicações (não sabem dividir) e . . pronto!

Um suplementosinho de vinte ou trinta por cento nos honorários, seria, em seu parecer, a nova estrada de Damasco para equilibrar a balança económica, durante a hora-guerra.

Argumento sem consistência, porque a melhoria de salários faz subir ainda mais o preço dos géneros indispensáveis.

Única solução aceitável: cerrarmos fileiras—um e todos—em volta do Govêrno, para que se ganhe, sem esfôrço de maior, a campanha *produzir e poupar*.

O TEMPO

Mês de Junho. Era, antigamente, o mês da alegria por, durante êle, se festejarem os santos populares—Santo António, S. João e S. Pedro—que punham a mocidade a mexer. . . Agora nada disso sucede; a mocidade é outra e os santos foram relegados para um plano que os coloca à margem das simpatias que disfrutaram. No entanto chega o calor. O primeiro dia foi de temperatura algo elevada. Certo. Estava a fazer falta. Perca-se tudo menos o que a Natureza necessita para desenvolvimento das novidades.

Horário dos combóios

Quando tenciona a C. P. modificar o que tem em vigôr nas linhas Lisboa-Pôrto, tão mal organizado por não corresponder aos interesses do público?

Mais uma vez aqui fica a pregunta.

Rega das ruas

Não será de utilidade pública êsse serviço? Ou a gazolina é só para os carros utilitários—no nome?. . .

NO CLUB MÁRIO DUARTE

A Direcção dêste grémio local promove uma *soirée* dançante no dia 13 do corrente—noite de Santo António. Os salões do Club serão caprichosamente ornamentados e abrilhantará a festa um magnífico *jazz*.

O serviço de restaurante é a cargo de *A Balalaika*, contando a Direcção do Club proporcionar aos seus associados e famílias uma noite de encanto e surprêsas.

Fim de curso

Completou, há dias, o curso de Bibliotecário e Arquivista na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde o ano passado obteve alta classificação ao terminar a sua formatura em Ciências Histórico-Filosóficas, a nossa conterrânea sr.ª D. Ligia Patoilo Cruz, dilecta filha da sr.ª D. Carolina Patoilo Cruz, professora de ensino primária, na inactividade, e de seu marido, o nosso amigo António Simões Cruz, sócio dos *Armazens de Aveiro, L.da.*

A' sr. D. Ligia Cruz, que agora se encontra a fazer um estágio na Biblioteca da Universidade, e a seus estremosos pais, endereçamos, por mais êste triunfo da sua vida académica, as nossas justas felicitações.

A sôpa do Dispensário

Assistimos num dos dias desta semana, à sua distribuïção e podemos, portanto, constatar o alto benefício que representa para os doentes mais necessitados a iniciativa do sr. dr. Adérito Madeira, que na direcção daquela casa se tem evidenciado de forma a captar as simpatias do nosso meio.

Se o Dispensário Anti-Tuberculoso é de grande utilidade pelos serviços que presta, a sôpa que agora ali se distribui diàriamente, mercê da generosidade das pessoas a quem a miséria alheia não é indiferente, completa os fins daquela casa onde os infelizes recorrem de certa maneira confiados, cheios de esperança.

Ao sr. dr. Adérito Madeira e a quantos o auxiliam, não deixaremos de prestar as nossas homenagens.

Marinhas de sal

Iniciaram-se os trabalhos para a *botadela*.

Oxalá os resultados não se façam esperar, pela falta que está fazendo êsse tempêro às donas de casa.

Cartas a uma amiga de longe

Junho-1942

Minha querida:

Há dois dias que temos um calor verdadeiramente tórrido. Umas bananeiras, umas palmeiras, uns coqueiros e o capim e nós teríamos a impressão de que habitávamos num canto de A'frica! Se nem os mosquitos nos faltam, vossos companheiros inseparáveis. . .

E nós, desabituados dêste sol escaldante, não sabemos onde nos meter, sempre em busca do frêsco, sempre a fugirmos à calma.

Em dias como êstes, eu, que nem no pino do inverno sinto grande frio, imito as toupeiras, descendo à cave. Lá, ao menos, pode-se respirar. . . E para ter mais forte sensação de frescura, procurei ali, num armário de velharias, antigas revistas, algumas dos meses de inverno, cheias de fotografias de neves e gêlos, que me refrescavam como um sorvete. . .

Folheei-as e lias, embora algumas delas fôssem de 1927. E' curioso observar factos que nêsse ano eram meras suposições, coisas problemáticas e que são já florescentes realidades. . .

Um artigo duma delas vinha encimado por—Scapa Flow—o túmulo da esquadra alemã. Li-o e achei graça à coïncidência da data, dois de Junho de 1919. Nêsse dia os alemãis vencidos, não querendo entregar a sua esquadra aos ingleses, resolveram afundá-la na baía de Scapa Flow. E em vinte e um de Junho a resolução foi levada a efeito e os setenta navios de guerra, comandados pelo almirante Von Reuter desceram lentamente aos abismos profundos do oceano.

Esses setenta barcos, afundando-se, tornaram verdadeiramente fantástico o aspecto da baía de Scapa Flow.

Dez anos depois tôdas essas unidades da esquadra alemã foram trazidas à superfície, graças aos primores da engenharia inglesa.

E até dois de Junho de 1942, quantos barcos mais têm ido para o fundo, vítimas da guerra actual! E mais tarde, num dois de Junho ainda distante, quantos dêstes navios, agora afundados, não serão perturbados no seu repouso eterno, para serem, de novo, postos a flutuar?. . .

Mas. . . não há bem que sempre dure e por isso aquela frescura agradabilíssima não podia durar sempre. Fechei, de novo, no armário das velharias as revistas antigas, amarelecidas pelo tempo e subi. A tarde ia adiantada já, mas o calor não passara ainda. Será que no seu vai e vem constante de A'frica para Portugal, os navios nos trazem bem acondicionado o calor daí? Não te agradeço a oferta, enquanto estou longe da frescura do mar. . .

Um abraço da

Zèmi

PESCADO

Tem aparecido algum, da única companha que trabalha na Costa Nova, parte, e o outro vindo de fora.

Valha-nos isso, porque a carne não se pode tragar.

Andem lá. . .

Nós sempre ouvimos dizer que *quem semeia ventos, colhe tempestades*. . . mas parece que existe quem não acredite, a-pesar-dos exemplos virem de longe.

Andem lá. . .

Pelo teatro

Tem sido grande a procura de bilhetes para a récita que a Companhia Alves da Cunha vem dar ao Teatro Aveirense, na próxima quarta-feira.

Representará, como dissemos, o *Poder de Fátima.*

Visitai o Parque da Cidade

Imprensa Regionalista

—Organização que se impõe

Defêsa de Espinho e mais alguns colegas—poucos—estão agora na brecha a bater-se entusiàsticamente por uma reünião da chamada *pequena imprensa*, com o fim de nela se lançarem as bases dum organismo destinado a pugnar pelos seus interesses, sendo do primeiro o que voltamos a transcrever subordinado ao título da epigrafe:

Na maior parte da imprensa periódica da província não se encontra eco desta campanha que alguns colegas lançaram, e nós, dentro das nossas possibilidades de tempo e de competência, temos calorosamente secundado, sôbre o almejado, interessante e indispensável Congresso dos jornais regionalistas.

Pelos dedos se podem contar aqueles que manifestaram o seu apoio—uma dúzia dêles, talvez—pondo todo o seu entusiásmo numa declarada colaboração, de feição palpável, clara, real. O maior número, por espírito de *não te rales*, por desesperança ou por comodismo—não porque não veja necessidade absoluta nas nossas reivindicações (a dêles como a nossa, igual, tanto a nu!—entende que não há-de fazer côro com a voz inicial e agora com a voz corrente dos que sabem bater-se, e andamos nós, nós e—vaidade àparte—os decididos como nós, a perder tempo, ocupando o espaço, gastando papel e tinta, para chegarmos ao fim e ao cabo com um resultado nulo, ou, se a boa sorte nos proteger, atingirmos uma finalidade positiva, tornando-se um facto a realização das nossas ansiedades, das nossas garantias—e nêste caso, então, porque nós e outros nos esfalfamos e nos decidimos aí vem o tal maior número a usufruir os mesmos direitos que à classe incontestàvelmente pertenciam, sendo, porém, nós outros que nos mexeramos. Tal não é bonito, não está certo, não é próprio de jornalistas!

Mãos à obra, confrades de todo o país!

A união faz a fôrça. Nós precisamos de união, coesão, para arranjarmos essa fôrça, necessária a qualquer empreendimento—qual seja a fôrça de vontade, o dinamismo de acção, para que todos nós, numa colaboração mútua, comum, cheguemos, de verdade, a vias de facto!

Devemos acentuar que quando começou a desenhar-se a crise que hoje nos dificulta a existência, logo saímos a terreiro, gritando—*Quem acode à pequena imprensa?*

Publicamos, então, meia dúzia de artigos, se tanto, e recolhemos as raras adesões, vindas ao nosso encontro, ficando-nos por aí. Desalentados? Hão-de concordar que é triste olhar em volta e—*não ver ninguem!*. . .

Vieram, depois, outros paladinos da mesma causa, mas o resultado foi igual ao nosso. E agora? Agora, sem querermos arrefecer o entusiásmo, há-de ser difícil a almejada reünião, quando mais não seja, por falta de combóios. . .

A imprensa da província acha-se, pois, numa situação nada invejável; mas, em parte, a si o deve pelos motivos que *Defêsa de Espinho* aponta e nós corroboramos, acompanhando-a nos seus justos reparos.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Á MARGEM DA GUERRA

TROPAS DA NORUEGA, ESTACIONADAS NA ESCÓCIA, ESTÃO A POSTOS E AGUARDAM

AS MODAS

Insurge-se o cronista habitual dum diário portuense contra a indumentária e as pinturas das meninas, escravas da moda, dando-lhes para baixo, como em centeio verde. Assim, logo de entrada, diz, sem papas na língua—metem nôjo! E pormenorisa:

As saias são tangas dois palmos acima dos joelhos. Os chapeus (poder-se-á chamar àquilo chapeus?) teem as formas e os feitios mais esquisitos. Uns no alto da cabeça; outros pendurados sôbre a testa; êstes a taparem uma das orelhas; aqueles com um saco pendurado atrás, onde metem os cabelos. Há ainda quem use, em vez de chapeu, uma rodilha atada à cabeça a fingirem de maometanas. Quanto aos sapatos—que imbecilidade!—é vê-las e admirá-las. Só teem solas—e que solas!—umas de cortiça, outras como tairocas, outras ainda em sistema de tole, como o dos ferreiros. As gáspeas são cheias de buracos, com os dedos a saír por êles e a fazer negaças às pedras das calçadas.

Muito catita!

A completar a *paìsagem*:

Se da indumentária passarmos ao cavername, a análise é ainda mais repugnante. Meias não há. Aquilo que lá fora, nos países em guerra, constituiu uma necessidade premente, transformou-se por cá, em elegância *non plus ultra*. A elegância chegou alí e parou. Na maioria dos casos, o que lhes vale é não passarem por Guimarãis, aliás, aumentavam os cabos das facas e diminuiria o preço da mercadoria.

Uma vergonha e uma indecência.

Falta de pudor e falta de brio.

A subordinação idiota a uma moda reles e nojenta.

Se examinarmos, de seguida, a porcaria das pinturas—Deus do Céu!—que miserando espectáculo! As sobrancelhas, formosura natural dos olhos da mulher, foram substituidas por um traço a tinta, com os feitios mais extravagantes: linhas rectas como lombrigas, triângulos com vértice para cima, ou dois traços pequeninos, na extremidade superior dos olhos. A bôca são dois borrões de tinta vermelha, açafrão ou encarnado vivo, sem classificação possível no lexicon da repugnància.

* * *

E que lástima, vêr bôcas assim!

Uma bôca natural, simples, mostrando, quando sorri, uns dentes branquinhos de neve é outro motivo de encanto, no rosto duma mulher bonita. Encanta e seduz. Só uma bôca feia precisa de pinturas para encobrir uns dentes defeituosos e sujos. Uma bôca linda não necessita pintar-se para ser linda.

Se descemos da bôca até às mãos, a tristeza da análise, mantem-se. As unhas podiam—e deviam—estar tratadas, arranjadas, polidas. Nunca pintadas. Pintar as unhas, para quê? E que mau gôsto na escôlha das tintas! Umas sangue de boi. Outras sangue pôdre, de gangrena, que faz náuseas só de olhar para elas. E algumas até pintam as unhas dos pés, quando os trazem à mostra, e não pintam mais nada. . . porque ainda se não vê.

E' preciso dizer isto bem alto, escrever isto, uma e muitas vezes, sem mêdo nem covardias, a vêr se esta gente toma vergonha e se emenda.

* * *

Foi sempre no baixo-império das raças, que êstes desmandos se tornaram possíveis. Quando as raças são fortes e dignas, senhoras da sua dignidade e dos seus destinos, esta baixeza não existe.

Em todos os tempos a mulher fez a sua *toilette*, cuidou dos seus atavios, teve a sua natural garridice própria do sexo. Mas isso não tem nada que ver com o espectáculo degradante a que estamos assistindo, filho querido, conseqüência lógica, do que se exibe na pantalha dos Cinemas.

Está tudo doido varrido. Parece que tôda a gente perdeu a noção das proporções e da própria dignidade.

Se esta gente não vê que é apenas vítima duma ignóbil exploração comercial; se esta gente não percebe que, emporcalhando-se e despindo-se, se rebaixa; se esta gente perdeu a noção do decoro; que haja quem lhe faça sentir tudo isto, enquanto não nos subvertemos todos num mar de lama putrefacto.

* * *

O mal é fundo e largo. O caso é muito sério. Começou, a mêdo nas cidades; passou às vilas; já atinge as aldeias. E nunca o exterior deixou de ser um reflexo do interior. Algum tempo, as mulheres, as que fumavam, faziam-no às escondidas. Agora fazem-no publicamente, nas ruas, nos passeios, nos cafés, nos eléctricos, nos combóios, por tôda a parte, tal qual como os homens. Ora o fumar é um vício detestável, um vício pôrco, um vício miserável. Eu fumo como uma chaminé e posso dizer, por-

Nasce o interêsse pela notícia que aqui daremos.

tanto, o que é o fumo. Estraga a bôca, dá cabo do estomago, produz mau hálito. Que um homem o faça, vá. Que uma mulher o faça, é um crime à sua feminidade. A mulher, para ser mulher, deve conservar-se sempre mulher. Afastar-se, o mais possível, dos vícios grosseiros do homem.

Nêste particular, somos da opinião do cronista: **é preciso dizer isto bem alto, escrever isto uma e muitas vezes, sem mêdo nem cobardias a vêr se esta gente toma vergonha e se emenda.**

Pela parte que nos diz respeito, não é a primeira vez que abordamos o assunto, solidarisando-nos com os que combatem o exagêro das modas quando levadas ao absurdo. Porque entendemos que êsse deve ser, também, a missão da imprensa—concorrer para o aperfeiçoamento da vida social.

Corpus-Christi

Badalaram os sinos festivamente, ali, na esguia torre da igreja de S. Domingos, durante a tarde de quarta-feira. E com êsse repicar contínuo, quási ininterrupto, trouxeram-nos à lembrança a antiga procissão do Corpo de Deus Rial, imponente, magestosa, em que tomavam parte as autoridades civis e militares, a vereação municipal com o seu rico estandarte, a guarnição de Aveiro de grande uniforme, enfim, tudo que marcava e se distinguia na cidade, aonde vinha muita gente de fora para assistir ao desfile.

Abria o prestito o S. Jorge, a cavalo, seguido do pajem, que empunhava uma bandeira, e de luzido Estado Maior. E adiante do pálio, o S. Cristóvam, *a andar pelo seu pé*, chamava a atenção das gentes pela sua estatura avantajada e outros atributos que lhe criaram popularidade inconfundível. Ora aconteceu que aqui há uns 45 anos, quando o prestito passava pelas alturas dos Arcos, começou a chover. O santo enfiou-logo para lá e sob êsse teto providencial esteve o resto da tarde, aguardando que a chuva parasse. Mas esta persistia, os irmãos da confraria já se mostravam inquietos por se aproximar a noite, até que, quem escreve estas linhas, encontrando-se próximo, tomou a seguinte resolução: arrancou das mãos duma vendedeira de roscas o enorme guarda-chuva de que se achava munida — era de varas de baleia e de largo diâmetro — e com êle empunhado, colocou-se ao lado do santo e acompanhou-o à igreja, onde chegou enxuto.

Claro que esta atitude decidida dum dos mais irrequietos estudantes do liceu foi comentada de diferentes maneiras; mas a verdade é que os irmãos reconheceram o serviço, agradecendo-o...

Números e profecias

Um inglês, amigo de números e de profecias, convidou os seus compatriotas a fazerem o seguinte cálculo:

Deu-se em 1880 a guerra da Zululândia. Durou um ano. Feita a soma desta data e da duração dessa guerra, encontra-se o número 1881. Junte-se, agora, a êste número a soma dos algarismos que o compõem.

Resulta o número 1899, que é da data em que a Inglaterra, entrou de novo, na guerra: a dos «Boers».

Esta durou três anos, que nos levou a 1902. Repetida a operação indicada, encontra-se o número 1914, ou seja: $1902 + 1 + 9 + 0 + 2$, data em que se produziu a Grande Guerra. Durou a conflagração europeia quatro anos. Somados a 1914, encontrámos o número 1918. Este número aumentado com a soma das unidades que o compõem dá 1937.

Desta vez, a profecia falhou. E' claro que o profeta atribue as culpas a Chamberlain que se fartou de deitar água na fervura continental, infelizmente sem resultado.

Encomenda perdida

De Aveiro a Lisboa e no combóio que aqui passa depois das 15,30 horas, desapareceu uma, no sábado, com acessórios de bicicleta.

Gratifica-se quem a entregar ao recoveiro Zeferino.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: no dia 9, o menino António Alberto, filho do sr. António Tavares de Sousa; em 10, o joven violinista Manuel Lopes da Silva, filho do sr. Manuel da Silva, residente em Lisboa, e os srs. Sebastião da Costa Trancoso, agente da Caixa Geral de Depósitos em Figueiró dos Vinhos e Misael Rodrigues Marques, industrial no Rio Grande do Sul (E. U. do Brasil); em 11, o sr. dr. Jaime de Melo Freitas, desembargador da Relação do Pôrto; em 12, a sr.ª D. Generosa Fernandes da Silva Barbosa, esposa do sr. João Soares Barbosa, empregado nos escritórios da Direcção Geral dos C. de Ferro e Francisco José Pinto, filho do sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5.

—Também àmanhã faz anos—8 ridentes primaveras—a azougada Maria Ruth de Sousa Morgado, dilecta filha do negociante sr. Viriato Patrício do Bem e de sua esposa.

E como é das mais novas leitoras de O Democrata, duplamente a felicitamos, bem como a seus pais, muito estimando que a felicidade a bafeje pela vida fora.

—Na quinta-feira igualmente festejou o seu aniversário natalício a filhinha do sr. António Andrade, da Casa Domingos Leite.

Muitos parabens.

Casamentos

Em Eixo foi pedida por seu genro, o quintanista de medicina sr. dr. João da Rocha Machado, a filha do nosso amigo Artur Maia Amador—menina Maria Luisa de Magalhães Amador—para o sr. Manuel Vidal de Almeida Lima, director da Mineira Lisbonense, em Castelo Branco, e filho do falecido clinico de Estarreja, sr. dr. Eduardo de Almeida Lima e de sua viuva a sr.ª D. Maria Cândida Vidal de Quadros Côrte-Real Lima.

O enlace efectuar-se-á brevemente.

Gente nova

Em Lisboa nasceu no dia 27 de Abril o primogénito do sr. tenente da Armada, José de Sousa Oliveira, que na terça-feira foi baptisado nesta cidade, recebendo o nome de José Luís.

Paraninfaram o sr. Aristides Ferreira, avô materno, e a sr.ª D. Angela Maria Sousa Oliveira, avó paterna.

Com os nossos parabens aos pais e avós do recem-nascido, o desejo dum futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Virgilio de Oliveira, das caves do Barrocão; Artur Calixto, aluno da E. C. S. de Águeda; João Ferreira Félix, comerciante na Gafanha; José Simões Carrelo, de Cacia e Diamantino Simões Jorge, da Taipa.

Bolsas de Estudo Forlanini

Como nos anos anteriores, o Instituto Nacional Fascista pela Previdência Social, põe à disposição de médicos portugueses que queiram freqüentar os próximos cursos de verão e de outono no Instituto Sanatorial «Carlo Forlanini», duas bolsas de estudo que consistem em alimentação e alojamento gratuítos no mesmo Instituto.

Os candidatos às bolsas e às inscrições de estudo, devem ter prestado serviço no activo em Clínicas ou Institutos especializados na cura da tuberculose. Devem, além disso, ser de constituïção sã e robusta, e para tal provar devem apresentar um certificado médico.

Os cursos de verão do Instituto Forlanini iniciam-se em 15 de Julho e terminam em 15 de Outubro; os de outono principiam em 15 de Outubro e findam em 15 de Janeiro.

Os interessados devem dirigir-se ao Instituto de Cultura Italiana, até 15 de Junho próximo.

Atenção para a 4.ª página

Inspeção de mancebos

—o—

Os recenseados no corrente ano para o serviço militar deverão apresentar-se êste mês e pela ordem seguinte:

Freguesia de Aradas e Cacia, dia 16; continuação de Cacia, Eixo e Oliveirinha, 17; Eirol, Esgueira e Requeixo, 18; continuação de Requeixo, Nariz e Glória, 19; continuação de Glória e Vera-Cruz, 20; continuação de Vera-Cruz, 22 e 23.

Para que conste.

Sarau Escolar

No próximo dia 20 realiza-se no nosso teatro o habitual sarau que a Caixa Escolar da Escola Industrial e Comercial de Fernando Caldeira, costuma levar a efeito para auxílio aos alunos mais necessitados.

Daremos o programa detalhado.

Banho fatal

Quando tomava banho com outros camaradas, próximo das Pirâmides, pereceu afogado, segunda-feira de tarde, o soldado n.º 931 da 1.ª Companhia do Regimento de Infantaria 10, Manuel Marques Vieira, que se presume ter sido acometido de congestão.

O cadáver do desventurado, que era filho de Manuel Valente e de Rosa Marques de Pinho, natural da freguesia de Avanca, apareceu só ontem de manhã, na ribeira do Paço, freguesia de Esgueira.

Contava 20 anos de idade.

Visitai o Parque da Cidade

Albergue de Mendicidade

O total das quotizações de todos os subscritores do Albergue atingiu 6.025$00 por mês.

Presentemente, gastam-se já, em subsídios de cooperação distribuídos semanalmente no Comando da Polícia, a cêrca de 100 indigentes e inválidos, 3.000$00 mensais.

Da simples comparação dêstes números, imediatamente ressalta a impossibilidade da manutenção do Albergue em condições de eficiente actividade.

Para que logo de início não morra a obra com tanto carinho levantada, a Comissão Administrativa resolveu avistar-se, pessoalmente, com todos os subscritores cujas condições de vida lhes permitam aumento de quota.

Não iremos fazer-lhes exigências. Não iremos fazer extorsão. Iremos sòmente pedir-lhes que nos ajudem—já não diremos proporcionalmente às suas posses—mas de maneira proporcional ao contributo dos remediados e até dos pobres.

De terra alheia tem-nos vindo auxílio.

Esta semana recebemos valiosíssima oferta do sr. Conde de Vizela.

Sua Ex.ª dignou-se enviar para o Albergue 2 peças de cotim e 4 peças de riscado.

Em nome dos pobres, bem haja.

Ora se estranhos não negam ajuda, de antemão estamos seguros do êxito da nossa próxima diligência—a bem dos pobres e a bem do nome de Aveiro.

L. de A.

TRANSPORTE . . .	1.439$50
José Tavares, funcionário público	1$50
Nicolau Augusto Pinto Gouveia, funcionário público	2$00
João da Silva Marques Rito, oficial do Exército	2$50
Joaquim Avelino Gomes de Barros, funcionário público	2$00
João dos Reis da Rosária, trabalhador	1$00
Felismino Vieira, lavrador	1$50
Manuel Nunes Valente, lavrador	1$00
D. Joana Rodrigues Vieira, agricultora	1$50
Elias Ribeiro da Silva, comerciante	3$00
Leonardo Campos dé Almeida, oficial do Exército	5$00
Alberto Freire Quaresma, oficial do Exército	5$00
José Maria de Pinho, padeiro	5$00
João da Costa Belo, comerciante	5$00
Vitorino Pereira Tavares, oficial do Exército	5$00
Manuel Freire Santos, ferroviário	2$50
David Pereira de Carvalho, comerciante	2$50
Manuel da Silva, ferroviário	2$00
Candido da Cunha Madail, motorista	2$50
Aureliano Nunes, ferroviário	2$50
Delfim Marques Couto, ferroviário	5$00
António Joaquim Pereira de Carvalho, comerciante	2$50
José da Naia Camarão, lavrador	1$00
António Monteiro, motorista	2$00
António Ferreira de Pinho, magarefe	2$50
D. Maria dos Prazeres de Oliveira	1$00
D. Maria da Silva Campanhã	1$00
Artur Candeias, marceneiro	5$00
D. Laurinda de Jesus	5$00
Jaime Vieira Valentim, 1.º Sargento	2$50
D. Rosa de Oliveira	3$00
A TRANSPORTAR .	1.523$00

Leilão de Penhores

—o—

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

CASA DE CRÉDITO POPULAR

Agência n.º 45

AVEIRO

Avisam-se os mutuários que no dia 13 de Julho próximo futuro, se procederá à venda, em leilão, dos penhores que caucionam os empréstimos efectuados que tenham um atraso de juros de mais de 3 meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 11 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 1 de Junho de 1942.

O Chefe da Repartição

a) *Francisco Cordeiro*

Secção Desportiva

Basket-Ball

O encontro desta modalidade, anunciado para domingo passado entre o *Club dos Galitos* e os *Unidinhos F. Club*, do Pôrto, realiza-se àmanhã, pelas 18 horas, no campo da Corredoura.

A.

Conferência

Deve vir a Aveiro, dentro em breve, fazer uma conferência, no salão do *Club dos Galitos*, o consagrado artista portuense, sr. Octávio Sérgio, que dissertará sôbre *O Riso e a caricatura*.

E' aguardada com interesse.

Principio de incêndio

Foram requisitados, quarta-feira de tarde, os socorros dos nossos bombeiros para junto do Canal de S. Roque, onde na propriedade da sr.ª D. Severina Campos se havia manifestado fôgo nuns fachos de trigo que se encontravam na eira.

Os prejuízos fôram insignificantes.

Teatro Aveirense

CINEMA SONORO

Domingo, 7 de Junho de 1942 (ás 16 e 21,30 horas)

A deliciosa comédia musical

Sunny

(*A Rainha do Circo*)

BREVEMENTE:

A grande maravilha colorida

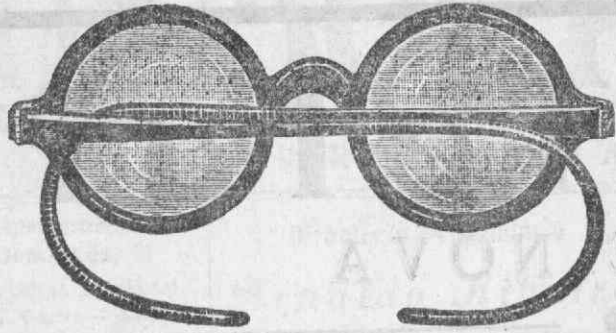
Fantasia

Despedida

Rosa Gamelas Zagalo e José Pereira Zagalo, tendo receio de, por lapso, se terem esquecido de apresentar as suas despedidas a alguma das pessoas que tiveram a gentileza de os cumprimentar, vêm-no fazer por êste meio e oferecer os seus préstimos em Bissau (Guiné Portuguesa)

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do Jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

NECROLOGIA

José da Rocha e Cunha

No Caramulo, onde se encontrava em tratamento, finou-se, domingo de manhã, o alferes miliciano José Eduardo Pinto da Rocha e Cunha, que tendo partido, há meses, para os Açores, ali adoecera gràvemente, sendo obrigado a regressar à metropole a fim-de procurar alívios para o seu mal.

O inditoso moço, que desaparece aos 33 anos, esteve, primeiro, no Hospital Militar de Belem e dali transitou para o Caramulo, aonde agora a Morte o surpreendeu, fazendo-o entrar nas profundezas do túmulo.

Inteligência lúcida manifestada já nos bancos da escola, o extinto, depois de concluir aqui o curso dos liceus, matriculou-se no antigo Instituto Superior do Comércio, do Pôrto onde se formou em Ciências Económicas e Financeiras, revelando-se pela sua aplicação ao estudo.

O sr. José da Rocha e Cunha nasceu em Matosinhos, e passou a maior parte da sua existência na nossa terra, conquistando simpatias. O seu cadáver veio, no dia seguinte, num auto dos Bombeiros Voluntários, para esta cidade, tendo-se o funeral realizado pelas 18 horas, da porta do cemitério central para a sua última jazida, com um selecto acompanhamento em que sobressaía um grupo de senhoras conduzindo flôres, muitos oficiais de Terra e Mar, magistrados, funcionalismo, professores do liceu, etc., etc., assim como algumas pessoas vindas de fóra, nomeadamente o sr. dr. Mendes Correia, ilustre presidente da Câmara do Pôrto. Organizou-se um único turno, pegando às borlas os srs. dr. Francisco Soares, presidente do nosso município; comandante Mário Costa, capitão do porto; dr. José Tavares, reitor do liceu; major Diamantino do Amaral, de Infantaria 10; capitão Firmino da Silva, comandante da P. S. P. e dr. Magalhães Bastos, do Pôrto.

O brioso militar era filho do sr. Silvério da Rocha e Cunha, capitão de Mar e Guerra; irmão das sr.as D. Cândida Fernanda da Rocha e Cunha, solteira, e D. Joana Virginia da Rocha e Cunha Amorim de Lemos, casada com o sr. dr. Rafael Amorim de Lemos, delegado do P. da República na India Portuguesa, e dos srs. Duarte Henrique da Rocha e Cunha, 1.º sargento-cadete de Cavalaria, em Torres Novas; Joaquim da Rocha e Cunha e António Pinto da Rocha e Cunha, estudantes; e sobrinho das sr.as D. Eduarda da Rocha e Cunha, D. Berta Martins de Azevedo e D. Maria Joaquina da Rocha Ribeiro, de Eixo.

A todos, mas em especial ao sr. comandante Rocha e Cunha, *O Democrata* manifesta o seu vivo pesar.

Manuel Pais & Irmãos L.da

Por escritura de 30 de Maio findo, lavrada nas notas do notário desta cidade Dr. Adelino Simão Leal, o sr. Manuel Ferreira Leite Pais, cedeu a seu irmão António Ferreira Leite — 10.000$00 da cota de 20.000$00 que tinha na sociedade por cotas de responsabilidade limitada, com séde em Aveiro, sob a firma *Manuel Pais & Irmãos, L.da*, ficando, assim, dividida em duas cotas de 10.000$00 cada uma, aquela referida cota de 20.000$00.

Aveiro, Secretaria Notarial, 1 de Junho de 1942.

O ajudante da Secretaria,

Raúl Ferreira de Andrade

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
4,26 (recov.)	0,24 (correio)
6,37 (tram.)	11,15 (»)
13,23 (rápido)[1]	15,41 (tram.)
17,24 (tram.)	19,34 (rápido)[1]
20,40 (»)	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Só às terças e sextas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,56	10,52
13,35 (1)	12,44 (4)
17,31 (2)	19,21
19,42 (3)	22,47

(1) A's terças e sextas-feiras.
(2) A's seg., quartas, quintas e sáb.
(3) Só até à Sernada.
(4) Não se efectua aos domingos.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano) .	20$00
Semestre . . .	10$00
Colónias (Ano) .	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Crónica científica

Uma invenção utilíssima — 25 anos de lã de celulose

A lã de celulose, descoberta em 1917, não teve, de princípio, acolhimento muito favorável. Á semelhança de papel, era, então, apenas um modesto sucedâneo, força conseqüência da falta de matérias-primas provocada pela primeira guerra. Porém, dez anos depois, a indústria química alemã ocupou-se novamente dêste produto, descobrindo novos processos de fabricação. Em 1932 produziam-se dois milhões de quilos! Em 1935 êste produto, sob a designação de *lã de celulose*, conquista, com enorme sucesso, os mercados da Alemanha e de muitos outros países. Em 1939 o fabrico aumenta para 200 milhões de quilos com total êxito de venda.

A celulose é uma substância de que se compõe a parede das células das plantas novas e que, com os anos, se transformam em madeira; quìmicamente é um hidrato de carbono extraído das fibras da madeira, em cuja composição entra na percentagem de 50%. Da celulose, conforme o processo químico adoptado, pode conseguir-se papel, sêda artificial, lã de celulose assim como os produtos artificiais à base da celulose; *cellon*, vidro de celulose, celofan, fibra vulcanizada, massas plásticas e termeplásticas, etc.

As numerosas indústrias a que a celulose deu origem, consomem quantidades crescentes daquela matéria-prima, que se torna cada vez mais escassa. O excessivo desgaste dos bosques nos últimos anos, a-pesar-da Alemanha possuir vinte milhões de hectares, não pode ser compensado pela plantação de novas árvores, visto que o tempo necessário ao seu crescimento não acompanha a intensidade da produção industrial, e por conseqüência, tem que atender-se à economia da madeira, como também já acontece com os metais. Assim, pois, cabe à indústria química alemã a missão de encontrar novos elementos donde possa extraír-se a celulose, matéria-prima fundamental. Verificou-se que, além do pinheiro, também a outra espécie da mesma árvore, o pinheiro bravo e a faia contêm celulose, que existe, aliás, mais ou menos, em tôdas as plantas. A grande dificuldade, no entanto, consistiu em encontrar o processo químico de a extraír.

O professor Bredemann levou 18 anos para criar uma ortiga que possuisse uma fibra rica em celulose, mas os resultados compensaram tão longo esfôrço.

A rama da batata, que habitualmente se queimava nos campos sem utilidade, é já hoje aproveitada em grande escala para a produção de celulose.

Uma fábrica de lã de celulose, na Turingia, que se tem ocupado ùltimamente com a creação rápida do vimieiro e do álamo, ricos em celulose, desenvolveu o processo da extracção pelo aproveitamento da rama sêca da batata, fornecida sob a forma de briquetes e dêste modo será possível conseguir anualmente 500.000 toneladas daquela matéria-prima.

Assim, a batata, de cujo aproveitamento a química da celulose se ocupou, transformou-se num precioso recurso da economia alemã.

Também a palha é um elemento de valor, particularmente rica em fibras apropriadas, e uma fábrica da Alemanha Central produz um tecido sôbre esta base.

Os estudos neste domínio da investigação científica, prosseguem incessantemente e em cada dia se adquirem novos conhecimentos.

Dum facto podemos nós estar certos: que a capacidade e o espírito de iniciativa da química alemã, serão a garantia do futuro e da independência de matérias-primas.

GUARLINDO ASSIS

Correspondências

Esgueira, 3

Informa-nos o nosso amigo sr. Jorge Marques, um dos componentes da comissão pró-restauração do Cruzeiro, que as obras ainda não fôram concluídas devido a contrariedades que surgiram, mas que demovidas certas dificuldades devem ser acabadas dentro em breve, de harmonia com o dinheiro existente em caixa.

Muito bem.

—Fez anos, na segunda-feira, a filha do nosso amigo Fernando Betencourt, 2.º sargento de Infantaria 10, actualmente nos Açôres.

Parabens.

—Foi submetido a uma operação no nariz o nosso amigo Amílcar Torres, que se encontra quási restabelecido.

—A *Fonte do Meio* e a da *Biquinha* continuam à espera do conserto que necessitam.

Com vista à Junta de Freguesia.

C.

Preza, 3

Contando 83 anos finou-se na noite de sexta-feira passada, o sr. Francisco João, que deixou viuva e alguns filhos, todos maiores.

Era avô do comerciante estabelecido nesta cidade, sr. Ernesto Vieira, a quem enviamos condolências, extensivas a tôda a família.

—Consta-nos que o caminho que vem de Aveiro e segue para a Quinta do Gato vai ser reparado.

Oxalá.

C.

O cão sanitário

Na guerra moderna, com motores e armas automáticas, só poucas vezes se pensa no papel desempenhado pelo animal como auxiliar do soldado. Hoje não dependem sòmente do *companheiro cavalo*, como durante a Guerra Mundial, os maiores rendimentos, sobretudo nas difíceis condições de comunicação no grande espaço do Leste. Também o cão se encontra nas primeiras linhas, não para alegrar os soldados, pois é empregado, como antes, em missões de guerra muito importantes. Como *cão estafeta* presta serviços de comunicações, como *cão sanitário* actua na grande camaradagem do auxílio que representa para o soldado o Serviço Sanitário do Exército. Sobretudo em terrenos acidentados, difíceis, com pouca visibilidade, nos bosques ou montanhas, dá o cão provas da sua capacidade procurando os feridos ou soldados dispersos.

Nas unidades respectivas são cuidadosamente instruídos, para as inúmeras missões que têm a cumprir, tanto os cães do Exército como os mobilizados. Além das raças *Dobermann, Rottweiler* ou *Boxer* e especialmente o cão *lobo da Alsácia*, alemão, que reúne as necessárias qualidades de rápida compreensão, rapidez e fôrça com uma fidelidade sem condições. Possue a qualidade de se não assustar com as detonações fortes ou de perto, absoluta obediência, movimentos adeqüados ao terreno. Isto dá-lhe mais vantagens no seu emprêgo.

No serviço sanitário da frente são postas à prova estas qualidades do cão completamente instruido. Geralmente numa faixa de terreno indicada para ser batida pelos condutores, há 3 ou 4 cães, êstes só aceitam pessoas que estejam sentadas ou deitadas, isto é, feridos. Assim, se encontram um ferido participam, desta forma, ao seu condutor o êxito da sua pesquiza. Depois disto conduzem, prêsos a uma correia grande, o seu condutor e, com êle os soldados do serviço de saúde e maqueiros ao local onde se encontra o ferido. Justamente o auxílio rápido que dá o cão é prestado a certos feridos pelo *cão sanitário* faz com que também nesta guerra, se deva honrar, além do *companheiro cavalo*, o *companheiro cão*.

R.

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 27 do próximo mês de Junho, por 13 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sita à Praça da República desta cidade e na execução por custas e sêlos que o Ministério Público move contra os menores Eduardo Rangel Barbosa e Maria da Conceção Rangel Barbosa, representados por sua mãe Maria de Jesus Rangel Barbosa, viuva, todos da Fôrca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública, a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima do seu valor em que vai à praça o seguinte:

O direito e acção a seis décimas partes do prédio, sito na freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, Rua José Estêvão, que se compõe de uma casa de dois pavimentos, que parte do norte com os filhos menores de Elias Simões Instrumento, descrito na Conservatória desta cidade sob o n.º 28.126 e vão à praça no valor de 13.668$00.

Aveiro, 27 de Maio de 1942.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,
Perestrello Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção,
Júlio Homem de Carvalho Cristo